

1

Alex Maio, presente

O céu negro teria sido um cenário mais adequado, uma tempestade de inverno monstruosa que arrancasse a casa dos alicerces, mas o momento, que ele temia há vinte e cinco anos, chegou numa manhã calma e suave de maio.

Bem, não *exatamente* o momento, mas o precursor dele. O início do fim.

Era fim de semana, e ele e Beth estavam à mesa da cozinha, de pijama, a beber café e a ver as notícias no telemóvel, quando ela exclamou: — Boa, a câmara deu finalmente luz verde para o trilho! A Dulcie acabou *literalmente* de receber o *e-mail*. Não é fabuloso?

— O trilho. Pois é.

Isto foi o máximo que conseguiu reunir antes de o corpo lhe entrar numa espécie de paragem, uma sensação francamente aterradoradora, como se pudesse olhar para baixo e ver os membros a desfazerem-se em pó à sua frente.

Controla-te, Alex. Sabias que isto ia acontecer.

Desde que aquela maldita campanha fora lançada, havia dois anos, era apenas uma questão de tempo, pois as comadres de Beth — Dulcie e Samira e as demais — eram típicas mulheres de trinta e quarenta e poucos anos de Silver Vale e, na maioria, mães, o que significava empenhadas ao ponto de serem psicóticas.

— Então, a persistência acaba por vencer a resistência — disse ele, bem-humorado.

— Vence sempre, Alex. Sempre.

Tinha sido um dos *slogans* do comité do trilho: «A persistência vence a resistência.» No início, havia algo diferente — «Queremos os carris de volta», talvez —, mas, quando ficou evidente que a câmara municipal estava armada em parva, as palavras de ordem prevaleceram e, de repente, eram todos Churchill.

Jamais nos renderemos!

— Podes deixar a *Olive* sair, querido? — perguntou Beth e, felizmente, ele recuperara as funções corporais suficientes para se pôr de pé, e abrir a porta à cadela cruzada de *collie*, a qual depressa se virou e voltou para dentro.

Alex deu-lhe uma guloseima antes de regressar ao seu lugar. Sentia um espasmo esquisito no maxilar, como num desenho animado, que sabia que seria visível, mas Beth estava demasiado ocupada a percorrer as mensagens para reparar.

— Sabes, quanto mais penso nisso, mais penso no crime que foi mantê-lo fechado ao longo destes anos. Toda a gente sabe como é fácil passar por cima das grades; tornou-se *muito* mais perigoso fechado do que aberto. Quer dizer, o tipo de pessoas que anda por lá... Drogados, bêbedos, tudo o resto. Constituiu um risco de segurança.

Eram comentários que ela já fizera centenas de vezes e aos quais ele anuía habitualmente. No entanto, ele não participara na campanha, com a intenção de manter o seu perfil local de dançarino do limbo bem baixo. Era só o que lhe faltava, Silver Vale na ribalta segunda vez; só iria ressuscitar o interesse pela primeira.

Não era que ele pudesse dizer isso a Beth.

Às vezes, quando olhava para ela, para aquele queixo invejavelmente afilado, aqueles olhos brilhantes e intensos, do mesmo tom de âmbar queimado que o cabelo dela, dava consigo a pensar como chegara a ter *aquela* mulher, e não aquela com a qual fantasiara uma vez. Como se encontrava ele ali, logo em Silver Vale, onde residia há mais de uma década e passando a maior parte do tempo como marido suburbano, satisfeito e senhor da sua casa.

Nunca dissera a Beth que conhecia a zona. Quando ela o convidara para sua casa, havia quase doze anos, conheciam-se há apenas

umas horas e ele não ouvira a morada que ela dera ao taxista. Também não tomava propriamente atenção ao percurso — já era de noite e chovia a potes, e, de qualquer modo, eles estavam a beijar-se — e só percebeu onde se encontravam quando passaram pelo desfile de lojas, na Surrey Road, e viraram abruptamente à esquerda, subindo a colina. Foi isso que o fez afastar-se dela e procurar o nome da rua — Exmoor Gardens —, altura em que os pulmões se lhe apertaram com um pânico asmático horrível que não sentia há anos.

— Esta... esta é a tua rua?

— Não, mas estamos quase a chegar — respondeu ela, confundindo a sua urgência com luxúria e agarrando-o de novo, e foi então que ele vislumbrou, através de madeixas soltas do cabelo dela, a antiga casa dos Stanley. A entrada da garagem tinha o mesmo traçado de antes, agora com um paisagismo elegante e um enorme monovolume estacionado no lugar do *BMW* de Drew. Momentos depois, o táxi virou à direita para uma rua de casas em banda, outrora de ferroviários, de que ele se esquecera completamente — Long Lane, era isso. A casa de Beth ficava ao meio, frente aos degraus dos carris.

Assim que entraram, ele desculpou-se e foi direto à casa de banho, onde vomitou para a sanita e lavou a boca com o elixir que encontrou no armário. É espantoso que se tenha safado, se pensarmos bem, porque se sentiria, obviamente, enervado quando voltou para junto dela, mas ela estava risonha, bêbeda, não o largava.

Lembrava-se de ter acordado ao lado dela, de manhã, com o coração horrorizado, e de como, depois de se vestir, se sentira irresistivelmente atraído para a janela do quarto, que tinha vista para a estrada, para as barreiras de aço ao cimo dos degraus e para o mato espigado mais além.

— Sais às escondidas antes de eu conseguir o teu número? — perguntara ela, da cama, em voz arrastada, e pensara: *Oxalá fosse esse o meu maior problema...* Achara que era coisa de uma noite, mas, bem, ela insistira em persegui-lo e, por fim, ele pensara: *Deixá-la ficar comigo, se significar assim tanto para ela.* (Ele não dissera isso

no discurso de casamento, claro, que quase não fora discurso, de acordo com o ambiente discreto da ocasião; ele mantivera a treta das fotografias ao mínimo, também.) — Deixa dar uma olhadela — disse ele, voltando ao presente, e ela passou-lhe o telemóvel, com um tópico do WhatsApp chamado «Pioneiros do Trilho» a crescer à frente dos seus olhos. Credo, como ele preferia a vida antes de estar sujeito àquelas correntes de consciência alheias; já tinha bastante com que se preocupar...

Força, Equipa Persistência!

Agora é a todo o vapor — trocadilho totalmente intencional!

O Philip diz que as obras podem começar daqui a duas semanas!

Daqui a duas semanas? *Porra.*

— Aparentemente, um jornalista do *South London News* já entrou em contacto — disse Beth, pegando no telemóvel. — Leste essa parte?

— Não. Para quê?

— Para fazer uma reportagem sobre o nosso triunfo, claro. Eles vão querer seguir o progresso do projeto, sabes, documentar a *viagem*. — Ela fez uma careta. — Eu sei, não digas, detestas a palavra. Agora tudo é uma viagem, até pôr os caixotes do lixo na rua.

Alex limitou-se a bebericar o café, incapaz de sorrir com a sua própria frase.

— Mas lá que temos uma história cabeluda, temos, não é? A Dulcie disse-lhes que deviam falar com a Cordelia, na Pleasance Road; ela estava aqui quando tudo aconteceu e teve bastante contacto com a polícia. Aparentemente, foi atrás do quintal dela que o cadáver foi encontrado.

O café azedou-lhe na boca. *Uma história cabeluda... quando tudo aconteceu...* Durante todo este tempo, mal se ouvia um murmúrio, e agora, de repente, aqui estava ele, desgovernado, com as sirenes a tocar. Quem raio era a Cordelia, afinal? De certeza que

não podia ser a velha que tinham conhecido daquela vez, a das luvas de jardinagem? Bem, não era bem velhota, na altura só devia ter cinquenta anos, mas, para homens de vinte e poucos, parecia idosa. Andaria agora pelos setenta, e ele tinha quase a certeza de que, em todos aqueles anos a ser arrastado por Beth para beber *Aperol Spritzes* nos jardins dos vizinhos, nunca se cruzara com ela. Mas o que significava isso? Ele tivera apenas sorte, e essa, fruto do hábito, esgotava-se.

— Qual cadáver? — perguntou, e Beth olhou para ele, incrédula.

— Eu *disse-te*, não te lembras? Uma mulher foi assassinada em Exmoor Gardens, nos anos noventa. Ela morava no número cinquenta e quatro, onde estão o Tim e a Frankie? O casal com três rapazes, todos louros e selvagens, como lobos da neve. — Ela fez uma pausa, como ele reparara que fazia frequentemente, quando falava de famílias numerosas, como se fosse necessário assinalar a injustiça da lotaria da fertilidade no seu código postal. Como teve aquele casal três filhos quando nem um *lhes* era concedido? — Procura no Google. O assassinio, quer dizer, não o Tim e a Frankie.

— Procuo — concordou, como se já não o tivesse feito uma centena de vezes. Não havia nada para encontrar, disse ele estava certo, nem na Wikipédia. Para ler relatos de uma história de crime local, anterior à era das notícias *online*, era preciso ir à Biblioteca Britânica e ver os microfilmes das páginas originais dos jornais. Será que o repórter de Beth se daria ao trabalho de fazer isso?

Com sorte, seriam demasiado novos para saber o que eram microfilmes.

Beth pegou na cafeteira e despejou as últimas borras nas chávenas.

— Seja como for, quando comprei esta casa, em mil novecentos e noventa, já tudo se acalmara; caso contrário, teria feito com que me baixassem o preço pedido.

— Então, para quê deixar um jornalista remexer no assunto, se há risco de afetar o preço das casas?

— Quando muito, até vai ajudar. Um novo trilho natural fixe? Os preços vão subir. — Uma centelha de irritação atravessou-lhe

o rosto. — Sinceramente, Alex, estás a ser muito estranho. Não te interessas pelo trilho, deixaste isso bem claro desde o início, mas não há necessidade de o pôr em causa para o resto de nós.

— Desculpa. — Ela tinha razão, a sua atitude era estranha, mesmo para ele, e chocou-o o facto de ela ter reparado logo no início. Considerava-se mais cuidadoso. — Eu sou apenas, não sei, um pouco cínico em relação a toda esta coisa de comunidade ecológica.

— Tu, cínico? De certeza que não. — Havia mais do que vestígios de indulgência no tom de voz dela, e ele sorriu-lhe maliciosamente, encontrando por fim o modo certo, aquele que aperfeiçoara, ao qual estava habituada.

Poderia contar-lhe agora, pensou. Poderia ser a última oportunidade de revelar a sua ligação. Que frase era aquela do aviso da polícia? «Pode prejudicar a sua defesa se não mencionar, quando interrogado, algo em que mais tarde se irá apoiar em tribunal...» Mas, Deus, era demasiado tarde para isso, não era? Ela só queria saber porque não dissera ele nada antes.

Porque escolhera, o tempo inteiro, esconder-se à vista de todos.